

CIDADES DO SERTÃO: O olhar de um francês do século XIX¹.

HINTERLAND'S CITIES: The view of a nineteenth century frenchman.

MARIA DE FÁTIMA OLIVEIRA
Prof. Dra. Universidade Estadual de Goiás
Goiânia/Goiás/Brasil
proffatima@hotmail.com

MARCELO DE MELLO
Prof. Dr. Universidade Estadual de Goiás
Goiânia, Goiás, Brasil
mellogeo28@yahoo.com.br

Muitos anos ainda irão se passar antes que se veja, do alto dos Pirineus, algum traço de cultura, e muito tempo irá decorrer até que o São Francisco seja navegado por embarcações de maior porte do que as frágeis canoas que deslizam sobre suas águas. Mas aquelas belas regiões desérticas contém os germes de uma grande prosperidade.
Auguste de Saint Hilaire, Viagem à Província de Goiás

Resumo: Este artigo visa discorrer sobre a visão de um viajante francês sobre as cidades por ele visitadas no sertão de Goiás na primeira metade do Século XIX. A análise de seus relatos contribui para o conhecimento da História e memória de uma região que, embora central geograficamente, se encontrava em dificuldade econômica num período específico em que a atividade da mineração estava em declínio e os remanescentes dos sertões buscavam outras formas de exploração do território. O texto se pautará também na discussão das categorias espaço, sertão e cidades, fundamentais para a compreensão histórica do tema abordado. Os relatos sobre as cidades e região em foco são importantes para o conhecimento deste período da História escasso em publicações, mas rico em detalhes do cotidiano, da arquitetura, dos modos de ser e de fazer do homem do sertão.
Palavras-Chave: Sertão; Cidades; Viajantes.

Abstract: This article aims to discuss a French traveler's view on the cities he visited in the hinterland of Goiás in the first half of the nineteenth century. The analysis of his reports contributes to the history and memory of a region which, despite being geographically central, was facing economic difficulties in a specific time in which the mining activity was in decline and the people who were still in the hinterlands started looking for other ways of exploiting the territory. The text will also be based on the discussion of the categories space, hinterland and cities, which are essential to the historical understanding of this issue. The stories about the cities and this area are important for the understanding of this historical period which is scarce in publications but rich in daily life details, architecture, and ways of being and doing of the man from the hinterland.

Key-words: hinterland; cities; travelers

¹ Artigo submetido à avaliação em 16/03/2013 e aprovado para publicação em 02/06/2013.

Introdução

Ao longo da história, as cidades têm assumido diferentes sentidos, finalidades e discursos, podendo ser vistas como espaços de agrupamento, segurança, civilização, mas também de desigualdades, conflitos, violências e contradições, permitindo, portanto, abordagens sob diversos ângulos. Na historiografia referente às cidades, são comuns as indagações sobre as relações cidade-campo, cidade-fronteira e cidade-sertão e já é significativo o número de publicações no Brasil e no mundo a este respeito. Neste texto, buscamos analisar o relato de um viajante francês (Saint Hilaire²) sobre as cidades e povoados do século XIX no sertão do Brasil Central, mais especificamente no território goiano, no que se refere às suas características e peculiaridades, próprias de uma região e de um determinado tempo histórico.

A história/memória das cidades do sertão está intimamente ligada às atividades econômicas desenvolvidas no processo de ocupação e exploração do território. A cronologia desta ocupação pode ser assim apresentada: no século XVIII, os povoados fundados devido à mineração; no XIX, os núcleos surgidos pela atividade da agropecuária, e no século XX, cidades que nasceram por meio da colonização espontânea ou oficial, nas margens de ferrovias e rodovias e as cidades (capitais) planejadas: Belo Horizonte, Goiânia, Brasília e Palmas.

Vale lembrar que numa época em as estradas eram quase inexistentes na região, os rios — via de transporte natural — exerceram importante papel para o aparecimento de muitas cidades. Dentre as cidades ribeirinhas, merecem destaque no rio Tocantins, as cidades de Porto Nacional, Peixe, Tocantínia e Pedro Afonso e no rio Araguaia, Aragarças e Barra do Garças, entre outras.

Portanto, passado o período conhecido como a “corrida do ouro”, caracterizado pelo dinamismo populacional numa terra nova³, o processo de ocupação da região após o esgotamento das minas se processou de modo bastante lento, principalmente no que diz respeito aos territórios de Goiás e Tocantins, como afirmam Gomes e Teixeira Neto.

²Augustin-François-César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779-1853), foi um naturalista francês, oriundo de família nobre da cidade de Orleans. Percorreu diversas Províncias do Brasil entre os anos de 1816-1822 e deixou vários livros escritos sobre suas viagens.

³ PALACIN, Luis. **O Século do Ouro em Goiás: 1722-1822 estrutura e conjuntura numa capitania de minas**. Goiânia: UCG, 1994.

Até 1940, quase dois séculos após a criação da Capitania de Goiás (em 1748), os 642.000 km² dos atuais Estados de Goiás e Tocantins eram pontilhados por apenas 52 cidades (a maioria sem o mínimo de conforto urbano) e 88 vilas⁴.

As cidades por onde Saint Hilaire passou na primeira metade do XIX e das quais nos ocuparemos neste texto, pertencem em sua maioria ao grupo das cidades que nasceram sob os auspícios da mineração e que se encontravam no período (Século XIX) em fase de recessão econômica devido à exaustão de suas minas.

Cabe destacar que enquanto as atividades atreladas à prospecção mineral estavam em alta, as cidades ocuparam uma posição central no arranjo produtivo estabelecido: era nelas que se dava o controle da produção para fins tributários, bem como se organizava o transporte das pedras e metais extraídos. Com a decadência da mineração, os núcleos urbanos – cidades e arraiais – tiveram suas atribuições revistas e sua dinâmica reduzida.

Com a derrocada da atividade mineradora, as estruturas de controle não seguiram mais uma hierarquia urbana que articulava a sede da Coroa ao núcleo urbano produtor. Um novo ordenamento deslocou as estruturas de poder para propriedades rurais. A produção para a subsistência ocupou o espaço deixado pela mineração. A partir de então, o contado com a sede do poder centralizador da Coroa foi reduzido, pois não havia mais a necessidade de controle de um produto extraído no sertão e conduzido ao litoral para exportação. O poder deixou de ser exercido por agentes distantes da vida do sertanejo e foi assumido por proprietários de fazendas destinadas a produção de subsistência. Desse modo, na composição das novas relações, as cidades encontradas por Saint Hilaire estavam “esvaziadas”.

O Sertão: diferentes olhares

O imaginário e os discursos sobre o sertão são muitos, assim como o próprio sertão. Do ponto de vista historiográfico, a valorização positiva do sertão e o alargamento das fronteiras se inauguram com Capistrano de Abreu, quando publica em 1899, *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*. Esta obra, juntamente com as de Euclides da Cunha e Oliveira Vianna, fez com que o sertão e por extensão, o sertanejo ganhassem uma nova elaboração e interpretação.

⁴ GOMES, Horieste e TEIXEIRA NETO, Antônio. **Geografia Goiás/Tocantins**. Goiânia: Ed. da UFG, 1993. p. 61

Desse modo, vale ressaltar que já se constitui consenso de que não existe apenas um sertão, os sertões são múltiplos e múltiplas são suas interpretações. Basta lembrar-se de obras já consagradas sobre sertão no Brasil, citando apenas alguns de seus autores: Euclides da Cunha, Afonso E. Taunay, Afonso Arinos, Guimarães Rosa e Hugo de Carvalho Ramos. Além das obras citadas, o fluxo de publicações sobre o tema é contínuo, ora resultante de congressos, ora de homenagem a datas comemorativas, como a recente coletânea *O Clarim e a Oração: cem anos de Os Sertões*. Dela faz parte o texto do goiano Gilberto Mendonça Teles, intitulado *O lu(g)ar dos Sertões*, no qual analisa desde a etimologia às diversas interpretações atribuídas ao termo ao longo dos séculos. Segundo ele,

A palavra sertão tem servido, em Portugal e no Brasil, para designar o “incerto”, o “desconhecido”, o “longínquo”, o “interior”, o “inculto” (terras não cultivadas e gente grosseira), numa perspectiva de oposição ao ponto de vista do observador, que se vê sempre no “certo”, no “conhecido”, no “próximo”, no “litoral”, no “culto”, isto é, num lugar privilegiado – na civilização. É uma dessas palavras que traz em si, por dentro e por fora, as marcas do processo colonizador⁵.

Portanto, em meio à discussão geral que envolve o termo sertão, é importante perceber que mudanças foram se processando nas formas de vê-lo e descrevê-lo. Se nos primeiros séculos da colonização, a imagem do sertão era a do observador “de fora”, do litoral, com a efetiva ocupação, indo sertão adentro, vai ocorrendo também uma mudança na forma de ver, sentir e, conseqüentemente, de descrevê-lo. É ainda nas palavras de Teles que se encontra explicação significativa para tal transformação, quando o autor cita o relatório de um governador de Minas Gerais, em que o narrador escreve de dentro do sertão, de um lugar que conhece, não de um espaço desconhecido, como constata Teles:

No século XVIII, quando se vai consolidando a ocupação humana do interior do Brasil [...] o sentido de sertão adquire conotações mais concretas, sendo agora visto de fora e de dentro. Vira contexto e circunstância e deixa de ser um lugar longínquo⁶.

Na interpretação da antropóloga Selma Sena, fica evidente a relação entre sertão e identidade. Após ressaltar seus diversos significados desde a época das grandes navegações e

⁵ TELES, Gilberto Mendonça. O Lu(g)ar dos Sertões. In: FERNADES, Rinaldo (Org.). **O Clarim e a Oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 263.

⁶ Op. cit. p.278.

do período de conquista do interior do território brasileiro, segundo ela, a idéia de sertão vai passando, de distante e vazio, a uma dimensão positiva de vazio a ser conquistado e ocupado, referindo-se à grandeza do patrimônio geográfico. A autora acrescenta que,

Como mito de origem da nação brasileira e dos goianos, o termo sertão condensa diversos significados; um amálgama de imagens, experiências e sentimentos. Simultaneamente descrito como um espaço geográfico, como uma temporalidade, como uma forma de organização social e como um conjunto de características culturais, o sertão é, ao mesmo tempo, singular e plural... É esse material simbólico que, recozido, constitui a matéria-prima de que são feitas as diferenciações regionais, isto é, as identidades regionais⁷.

Outra visão interessante de sertão nos é apresentada por um frei dominicano francês que viveu nos sertões do antigo norte de Goiás (atual Estado do Tocantins). Em linguagem direta e objetiva, sua obra retrata o cotidiano dos moradores da região, descrevendo com detalhes os diversos aspectos da vida do sertanejo, como as viagens, as caçadas, as pescarias, a alimentação, o vestuário, as doenças, as moradias e a sua religiosidade. Os sertanejos apresentados por ele são aqueles,

... que não são vítimas de secas periódicas que aniquilam criações, inutilizam [...]. São livres; vivem e pelejam num país de florestas, de verdes campinas e várzeas, onde correm águas permanentes, onde o solo é rico e fartas as pastagens, onde nunca faltam caças nas matas, onde rios e lagos são piscosos. [...] Admiremo-los como os pioneiros silenciosos mas teimosos da verdadeira “marcha para o oeste”⁸.

O autor faz questão de destacar que as diferenças entre os sertanejos das regiões centrais do Brasil - das quais ele está tratando - e os sertanejos nordestinos descritos, por exemplo, por Euclides da Cunha são significativas. Audrin descreve um tipo diferente de sertanejo, e, por extensão, uma interpretação diferente daquele outro sertão que é comumente entendido como seco e pobre. Portanto, as interpretações dos sertões são realmente múltiplas.

Um Francês nas Cidades do Sertão no Século XIX

⁷ SENA, Custódia Selma. De Sertões e Sertanejos. In: **Goiás 1722- 2002**. Goiânia: AGEPEL, 2002. p. 85.

⁸ AUDRIN, J. Maria. **Os Sertanejos Que Eu Conheci**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963. P. 8-9.

Habitar é ocupar um espaço e reproduzi-lo no tempo. Ao habitar, projetamos no espaço incontáveis representações repletas de afetividades, medos, crenças e aspirações. O modo de vida produzido neste processo promove uma conjunção indissociável entre o habitante, o espaço e o tempo. Contudo, o espaço precede seu habitante. Mas, se o espaço precede o habitante, o habitante antes de ocupá-lo efetivamente o pré-ocupa. Ou seja, lança representações sobre o espaço a ser ocupado, tornando-o prenhe de expectativas futuras: receios, alegrias e esperanças.

Habitar é uma demanda fundamental da existência humana, expressa por meio do residir, do construir etc. Ao habitar o homem faz mais que simplesmente edificar: ele não edifica para sair dali, mas para permanecer e estar em segurança. Nesta perspectiva, a cidade pode ser considerada como o lócus de um habitar privilegiado. Para Lefebvre⁹ ela é o discurso do homem. Por esta razão, as relações nela estabelecidas não podem ser investigadas tendo como critério único a distância ou a proximidade dos objetos edificados. É fundamental considerar as significações e os sentidos a eles atribuídos.

Se considerarmos os diversos contextos presentes no denso processo histórico produtor dos espaços urbanos que hoje nos são apresentados, repletos de valorações e julgamentos prévios, poderemos compreender as distintas formas de habitar, bem como as batalhas discursivas eivadas de intenções delineadas com vistas a uma hierarquização privilegiadora de algumas culturas, em detrimento de outras.

O fato é que a permanência não se dá unicamente por meio da fixação do homem no lugar. Ela pode ser conquistada, também, por meio da transformação do espaço habitado por alguém que para ele migra, mesmo que temporariamente. Assim, possibilidade da destruição tem uma função tão importante como a da construção: o homem destrói¹⁰ o espaço que não é o dele e abre caminho para a reprodução da sua forma de habitar por sobre outros espaços.

Podemos seguir este raciocínio ao investigar a presença de viajantes europeus no território central do Brasil. Assim procedendo, ressaltamos que ela está diretamente ligada à vinda da corte portuguesa na primeira metade do Século XIX. Em seu estudo sobre a memória da ocupação e colonização de Goiás na primeira metade do século XIX, Dalísia Doles e Heliane Nunes ressaltam que,

...a chegada da família real ao Brasil representou a mola propulsora de um movimento científico e artístico e que através dos cientistas, viajantes e artistas estrangeiros que participando de missões científicas ou, atuando

⁹ LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

¹⁰ Material ou simbolicamente.

isoladamente, lançaram as bases do desenvolvimento de vários setores da atividade científica no Brasil¹¹.

Foram diversos os viajantes europeus que percorreram os sertões do Brasil no Século XIX, com destaque especial para Joahann Emmanuel Pohl, Willian John Burchell, Luiz D'Alincourt, George Gardner, Francis de Castelnau e Auguste de Saint Hilaire. Os interesses desses viajantes sobre o Brasil no século XIX estavam vinculados aos estudos e pesquisas de caráter botânico, geomorfológico, zoológico e antropológico e não é novidade que a idéia predominante em seus relatos sobre o Brasil central fosse a de uma região “desértica”, pobre, isolada e de difícil acesso. O que se pretende apresentar abaixo é a visão do viajante francês, Saint Hilaire, sobre algumas das cidades visitadas por ele no território goiano. Apesar de sua interpretação apresentar constantes simplificações e mesmo deformações da realidade, seus relatos sobre as cidades e sobre a região são importantes para o conhecimento deste período da História escasso em publicações, bem como dos argumentos elaborados na qualificação dos modos de habitar do homem do sertão.

O Botânico Auguste de Saint Hilaire nasceu na França em 1779 e viveu até 1853. O período de sua presença no Brasil data de 1816 a 1822, tendo percorrido diversas províncias: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Goiás. Saint Hilaire aborda aspectos diversos da Província de Goiás, como a vegetação, o clima, a mineração, economia e política, mas neste estudo, o interesse recairá sobre sua visão sobre as cidades pelas quais passou, observou e deixou anotações no período. No prefácio de seu livro sobre a Província de Goiás, escrito algumas décadas após sua viagem, ele profetiza sobre as cidades:

Tempo virá em que cidades florescentes substituirão as miseráveis choupanas que mal me serviam de abrigo, e então seus habitantes poderão desfrutar de uma vantagem que raramente encontramos na Europa, pois saberão com certeza pelos relatos de alguns viajantes, quais foram as origens não apenas de suas cidades mas também de seus mais insignificantes povoados¹².

¹¹ DOLES, Dalisia E. Martins e NUNES, Heliane Prudente. Memória da Ocupação de Goiás na Primeira Metade do Século XIX: a visão dos viajantes europeus. In: **Ciências Humanas em Revista**. Goiânia: Ed. da UFG, 1992. p. 75.

¹² SAINT-HILAIRE, August de. **Viagem à Província de Goiás**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. p. 14.

A viagem de Saint Hilaire à Província de Goiás se deu posteriormente à de outras Províncias, tanto as do litoral quanto a de Minas Gerais. Assim, ele se diz em vantagem para estabelecer comparações¹³, se sentindo na posição “de um mineiro, que após ter terminado os estudos em sua terra, tivesse desejado conhecer também outras partes do Brasil”. Desse modo, o viajante toma a Província de Minas Gerais como padrão para julgar todas as outras, e no caso de Goiás, afirma que a comparação será desfavorável a esta última, pois ela está localizada numa “infortunada região entregue a longos anos a uma administração quase sempre imprevidente, e com freqüência espoliadora”¹⁴. Para o autor, os arraiais de Minas e Goiás que se originaram das minas de ouro, podem ter tido algum encanto em seus tempos de esplendor, mas por ocasião de sua passagem por Goiás, afirma que raramente pôde encontrar tal encanto.

Sobre o arraial de Santa Luzia, relata que era um dos mais aprazíveis, com as ruas largas e regulares, mas que as casas – cerca de trezentas – eram menores e mais baixas do que as de todo os outros arraiais por onde já havia passado. Estas casas eram feitas de madeira, cobertas de telhas e rebocadas com um barro branco, algumas com janelas de vidraças feitas com lâminas de mica, tão transparentes como o vidro¹⁵. Diz ainda serem as lojas desse arraial, poucas e mal providas, onde tudo é comprado a crédito e seus moradores, com exceção de um pequeno número de artesãos e mercadores, dedicavam-se ao cultivo da terra e só iam ao arraial aos domingos e nos dias de festas, sendo que durante a semana não se via ninguém nas casas e nas ruas.

O arraial de Corumbá, segundo o viajante, acompanhava a encosta de um morro, margeado por um rio com o mesmo nome. Tinha o formato de um triângulo, com ruas largas e casas pequenas e *extremamente baixas*, a miséria tomava conta do arraial e a maioria dos habitantes ganhava a vida trabalhando para os agricultores da redondeza, sendo em geral pagos com os produtos da terra. As mulheres fiavam o algodão e recebiam também o seu salário sob a forma de mercadorias. Entretanto, Corumbá tinha a vantagem de produzir bom fumo em suas terras – com altitude favorável – e exportá-lo para outros arraiais da Província¹⁶.

O Arraial de Meia Ponte, na visão do francês, era um arraial encantador, com mais de trezentas casas, muito limpas, caprichosamente caiadas, cobertas de telhas e altas para o

¹³ Sobre a comparação das cidades, Saint Hilaire afirma não estar julgando os povoados do interior do Brasil pelo padrão europeu, pois aqueles, em geral, não passavam de um amontoado de casebres miseráveis e de ruas lamacentas (Saint Hilaire, 1975: p. 14).

¹⁴ ABREU, J. Capistrano de. **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**. Brasília: MEC, 1975. p.13

¹⁵ Op. cit. p.26.

¹⁶ Op. cit. p.33.

padrão da região. Como em todos os arraiais do interior, nos quintais havia bananeiras, laranjeiras e cafeeiros. Com localização privilegiada, numa região de grande salubridade, na inserção das estradas do Rio de Janeiro, Bahia, Mato Grosso e São Paulo, distante de Vila Boa no máximo 27 léguas, estava “rodeado de terras extraordinariamente férteis”, sendo o arraial “um dos mais bem aquinhoados da Província e o de maior população”¹⁷. As igrejas contribuía para enfeitar o arraial, sendo a igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário bastante ampla, com paredes de adobe, com 12 palmos de espessura, assentadas sobre alicerces de pedra. Segundo Saint Hilaire, da praça onde estava situada esta igreja descortinava-se um panorama que talvez fosse o mais bonito que havia visto em suas viagens pelo interior do Brasil, mas com o inconveniente de não se conseguir dar um passo em suas ruas sem esbarrar em mendigos.

Sobre o Arraial de Jaraguá o viajante relata que, situado numa vasta planície coberta de matas, cercado de montanhas, sendo que as mais próximas se erguiam quase a pique acima do arraial, o que produzia um belo efeito na paisagem. Comparado à Meia Ponte, Jaraguá pareceu quase tão grande quanto aquela, mas suas ruas eram menos regulares e as casas menores e menos bonitas. As doenças mais comuns em Jaraguá, assim como em Meia Ponte, eram a hidropisia e a morféia¹⁸.

De passagem pelo hoje extinto arraial de Ouro Fino, nas proximidades da antiga capital da Província, anotou que o mesmo se apresentava com um aspecto de triste decadência, com casas semi-arruinadas, muitas desabitadas, e a igreja, não se encontrava em melhor aparência que as casas. As poucas pessoas que ainda viviam no arraial se dedicavam a um modesto comércio de porcos e de algumas vendinhas miseráveis. O mesmo é escrito também sobre Ferreiro, visto como um “lugarejo composto de uma capela e algumas casas semi-arruinadas”¹⁹.

As impressões deixadas sobre a antiga capital de Goiás também não são as melhores. A cidade, construída numa baixada, onde o ar não circulava como nas montanhas e nas planícies, com a água de aparência pouco salubre e o calor sufocante durante a seca, “não pode ser propícia aos homens de nossa raça”. Provavelmente por esta razão é que, segundo ele, os habitantes estão longe de apresentar uma aparência de saúde, vigor e energia.

Unicamente a presença do ouro em suas terras determinou a fundação de Vila Boa, pois essa vila, localizada [...] numa região estéril e afastada de

¹⁷ Op. cit. p.36.

¹⁸ Op. cit. p. 42.

¹⁹ Op. cit. p. 48.

todos os rios atualmente navegáveis, dificilmente estabelece comunicação com outras partes do império brasileiro. Não tem nem mesmo muita salubridade, e não tardaria a ser abandonada se nela não ficasse localizada a residência de todo o corpo administrativo da província. A vila foi construída no fundo de uma espécie de funil, sendo inteiramente rodeada de morros de altura desigual²⁰.

Ele afirma ainda que, embora Vila Boa possuísse um grande número de igrejas, eram pequenas e em nenhuma delas havia ornamentos na parte externa. Suas ruas eram largas e retas, quase todas calçadas, mas com pavimentação mal feita. A cidade possuía na época, cerca de 900 casas, feitas de barro e madeira, sendo pequenas, mas bastante altas para a região, e algumas com janelas de vidraça. As casas, em sua maioria, eram bem cuidadas e razoavelmente bem mobiliadas e limpas. O viajante informa, também, que havia vários sobrados na antiga capital e que os prédios públicos não podiam ser comparados aos enormes edifícios que se viam na Europa, ao contrário, “Ali tudo é pequeno, tudo é mesquinho, sem beleza e até mesmo, segundo dizem, sem solidez”²¹. Conclui que em nenhuma outra cidade o número de pessoas casadas é tão pequeno, sendo que “todos os homens, até o mais humilde obreiro, possui uma amante”. Esta é uma observação presente também nos escritos de outros viajantes estrangeiros que percorreram a Província no mesmo período.

Sobre o prédio da sede administrativa do governo de Goiás, o viajante ironicamente comenta que tal prédio não merecia o nome pomposo de palácio, pois é muito simples e mal decorado, embora sendo os quartos amplos, eram sombrios e feios, com o mobiliário feito na própria região²². Nesse ponto, fica bastante evidente seu desprezo pela cultura sertaneja apresentada em sua narrativa, não considerando as possibilidades presentes na originalidade das representações regionais. Mas, talvez fosse exigir muito da capacidade de compreensão e valoração de um europeu da primeira metade do século XIX.

Segundo ele, o arraial de Bom Fim “é um dos poucos que tiveram a sorte de contar com a presença do ouro em suas terras”. Este julgamento não procede, pois a maioria dos povoados, arraiais e vilas por onde passou tem sua origem ligada à atividade da mineração. Ainda sobre este arraial, completa que as ruas eram pouco extensas, tendo uma praça triangular, onde estava situada a igreja, muito pequena, sendo as casas igualmente pequenas, mas bem conservadas e afastadas umas das outras²³. Nesse aspecto, sua afirmação sobre a

²⁰ Op. cit. p. 50.

²¹ Op. cit. p.51.

²² Op. cit. p.56.

²³ Op. cit. p.103.

disposição das casas se diferencia um pouco do comum dos povoados da mineração, ou seja, casas construídas geralmente coladas umas nas outras.

O arraial de Santa Cruz, descrito como um dos mais antigos povoados da Província e habitado por homens com grande número de escravos, foi apresentado como o mais decadente de todos! Saint Hilaire explica que por ocasião de sua passagem, Santa Cruz possuía duas ruas largas e bem traçadas, paralelamente ao córrego, com casas pequenas e mal conservadas, e que muitas se encontravam completamente abandonadas. Santa Cruz, embora sede de um julgado e de uma paróquia, era “tão pobre que não se encontra nela uma única loja, e nas poucas e miseráveis vendas que ainda existem ali só há praticamente cachaça”²⁴.

Apesar de algumas poucas considerações positivas sobre os núcleos urbanos da Província, no geral, seus relatos apresentam uma visão eurocêntrica, marcada por valores preconceituosos sobre a cultura material e imaterial da região por onde andou. Enfim, para o viajante francês, o que não existia denunciava pobreza, se existia, geralmente era feio, pobre e de mau gosto.

Considerações Finais

Embora esta fonte histórica já tenha sido bastante explorada, há sempre a possibilidade de revisitá-la e atualizá-la com um novo olhar e uma nova abordagem. As obras deixadas pelos viajantes estrangeiros sobre o Brasil, e principalmente sobre as regiões mais centrais, mesmo quando criticadas devido à visão eurocêntrica, nos ajuda a compreender aspectos importantes da economia, sociedade, política e cultura dos grupos que permaneceram nestas regiões. Constatou-se que suas impressões vão ao encontro dos muitos discursos dos presidentes da Província proferidos na época, onde eram comuns as constantes reclamações, principalmente no que se refere às difíceis condições de transporte na região.

Ficou evidente que as cidades ou arraiais do sertão, no relato do viajante francês, eram, em sua maioria, não só carentes de infraestrutura – o que não se pode contestar – mas, segundo ele, também havia a carência do belo, do bom gosto e mesmo de cultura! Apesar de seu julgamento negativo sobre as cidades e seus moradores, o autor defendia que estas *regiões desérticas* guardavam os germes de uma grande prosperidade. No caso do Arraial de Meia

²⁴ Op. cit. p.117.

Ponte, exceção em seu julgamento negativista, pode-se atribuir seu relato favorável talvez à boa receptividade oferecida a ele pelo Comendador Joaquim Alves de Oliveira, proprietário do tradicional Engenho São Joaquim (hoje Fazenda Babilônia), que na época possuía diversos investimentos no arraial. Por outro lado, mesmo o autor reconhecendo que não se devia julgar o interior da América pelos padrões europeus, fica evidente que não conseguiu cumprir tal determinação. Devemos lembrar que Saint Hilaire pertencia a uma sociedade européia em situação econômica e social bem distinta do interior do Brasil. Entretanto, se não podemos condenar alguém por ser o que sua história o tornou, devemos ter os cuidados imprescindíveis para não negarmos o que somos a partir da valoração do outro.

Como bem escreveu Saint Hilaire no prefácio sobre a viagem à Província de Goiás, se alguns exemplares de seus relatos resistissem ao tempo e ao esquecimento, as gerações futuras poderiam encontrar neles informações de grande interesse sobre as vastas províncias, que estariam provavelmente transformadas em verdadeiros impérios. Mais, que estas gerações futuras poderiam ficar surpresas ao verificarem que, nos locais onde se ergueriam cidades prósperas e populosas, havia outrora apenas um ou dois casebres que pouco diferia das choças dos selvagens e que as gerações futuras iriam sorrir ao lerem nos livros que houve um tempo em que o viajante podia considerar-se afortunado quando conseguia percorrer, numa jornada, quatro ou cinco léguas.

Uma perspectiva reveladora da importância da obra de Saint Hilaire é percebida no processo de atualização de suas narrativas na década de 1930, pelo agente político responsável pelos primeiros movimentos dedicados a modernização do Estado de Goiás. Na realidade, a superação da condição de atraso, minuciosamente descrita pelo viajante Frances, foi evocada por Pedro Ludovico Teixeira na composição de seus discursos elaborados para romper com as amarras que persistiam em impedir o estabelecimento de um estado de progresso em Goiás.

Os cenários elaborados por Saint Hilaire para vislumbrar um futuro mais civilizado passava por cidades suficientemente estruturadas para superar as agruras sertanejas aqui materializadas. Uma cidade mais próxima – ou menos distante – dos padrões urbanos materializados no litoral era imprescindível para o surgimento de novas formas de habitar o espaço para transformá-lo ao longo do tempo, tendo como referência princípios civilizatórios advindos do Velho Mundo.

Este entendimento encontra abrigo e torna-se central dos discursos de Pedro Ludovico Teixeira. Da mesma forma, percebemos uma aproximação entre o viajante do século XIX e o interventor/governador do século XX, quanto aos limites apresentados pela cidade de Vila

Boa. Para ambos, a ex-sede administrativa apresenta-se como expressão de um habitar caracterizado pelo atraso inerente ao modo de vida que deveria ser superado. Neste contexto, o discurso “revolucionário” do interventor da revolução de 1930 anuncia a necessidade imperiosa de uma nova cidade-capital para Goiás. Vejamos as palavras proclamas por Pedro Ludovico em um pronunciamento realizado no dia da inauguração da cidade de Goiânia:

Meus senhores. Bastou que novos rumos se dessem à política nacional, novas diretrizes se lhe imprimissem, para que um mundo novo se abrisse diante de nós e nos convencesse de que havíamos descurado muito do que Deus nos tinha dado. Uma nova mentalidade, um grande anelo se formou de bem servir a coletividade, e nosso espírito, habituado, até então, mais a interesses egoístas, de grupos ou de facções, se imbuíu da necessidade de realizar um grande ideal a favor do Brasil. (...) Goiás sentiu também os eflúvios desse despertar. Livrou-se do ópio que o tornava inerte e improdutivo e exitou-se também como o *novο* estimulante que o tocara. Suas forças estuantes de seiva se movimentaram, conquanto ainda não tenham sido aproveitadas senão em mínima parte do seu potencial. Mesmo assim, novas perspectivas se nos defrontam e, dia a dia, mais alvissareiras. Um sopro de vida, de entusiasmo, percorre este Estado mediterrâneo em todos os quadrantes. Há um anseio de trabalho, de produção, de organização, de melhoria em todas as formas da atividade humana. (...) Terminando a minha breve oração, cumpro o dever de vos transmitir os meus ardorosos agradecimentos pela gentileza da vossa vinda a esta Capital, cidade nova, em que nada podeis ver que vos surpreenda, que vos impressione, a não ser o imenso esforço de quem a construiu. Desejo, servindo-me de uma expressão do Dr. Paulo Figueiredo, que não a vejais apenas, mas a compreendais²⁵.

Vamos atender a solicitação finalizadora do discurso acima transcrito: compreender Goiânia. Compreender uma cidade-capital erguida numa perspectiva disciplinadora no interior de uma conjuntura qualificada como “revolucionária”. Certamente, não fazemos menção a uma revolução redefinidora do lugar dos destituídos dos meios de produção no interior das relações de poder em escala regional ou nacional. Mas a uma revolução no rearranjo dos nexos articuladores das forças políticas do Estado, com vistas ao atendimento das demandas produtivas oriundas do Sudeste brasileiro: o sertão deveria reforçar suas relações com o sudeste e se aproximar da dinâmica manifestada pelo modo de vida das unidades federativas litorâneas.

Podemos seguir investigando os sentidos da cidade “revolucionária” e percebê-la por meio de traçados de ruas e contornos de praças, tão diferentes dos materializados em Vila Boa. Em Goiânia, a linguagem matemática, através da geometria, ofereceu a possibilidade de

²⁵ TEIXEIRA, Pedro Ludovico. **Memórias**. Goiânia: Cultura Goiana, 1973. p. 216-217.

instauração de uma nova disciplina a ser territorializada no sertão. Este discurso foi arquitetonicamente adornado a partir de edificações reveladoras de linhas simétricas e sóbrias, em oposição à tortuosidade cerrado-sertaneja. É como se o Discurso do Método, de Descartes (1987), aportasse no Planalto Central brasileiro indicando as demandas urbanas e ressaltando seus mecanismos engenhosos para oferecer respostas precisas às incertezas presentes no sertão. Na realidade, essa importante obra traz uma associação interessante ao contemplar a cidade e o corpo, ao falar sobre a praça e descrever o funcionamento do corpo humano de maneira sistêmica: formas arquitetônicas geometricamente pensadas para a produção de um novo homem.

Talvez, seja essa a grande contraposição apresentada por Pedro Ludovico Teixeira à realidade goiana descrita Sant Hilaire: uma contraposição discursiva, amparada em uma racionalidade instrumental, materializada sob a forma de cidade, de uma cidade-capital erguida em Goiás. E a simultaneidade com que foi anunciada a vitória dos “revolucionários” de 1930 e a necessidade de uma nova sede administrativa²⁶, revela o imperativo da consolidação de um novo discurso que abrisse as portas da *hinterland* para passagem de um modelo “civilizatório”. Cabe destacar que civilizar, nessa perspectiva, significa disciplinar as relações sociais de produção com vistas a uma noção pré-determinada de tempo e de espaço, adequando a vida sertaneja às exigências oriundas do sudeste brasileiro.

²⁶ Oficialmente, a primeira voz a se erguer publicamente indicando a necessidade de se transferir a capital do Estado foi Carlos Pinheiros Chagas, em um discurso proferido logo após a chegada das notícias, no território goiano, que davam conta da vitória dos “revolucionários” de 1930. Certamente, estas palavras não agradaram os moradores da ex-Vila Boa, antiga capital goiana, local onde o discurso foi proferido.

Referências

ABREU, J. Capistrano de. **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**. Brasília: MEC, 1975.

AUDRIN, J. Maria. **Os Sertanejos Que Eu Conheci**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. São Paulo: O hermus, 1987.

DOLES, Dalisia E. Martins e NUNES, Heliane Prudente. Memória da Ocupação de Goiás na Primeira Metade do Século XIX: a visão dos viajantes europeus. In: **Ciências Humanas em Revista**. Goiânia: Ed. da UFG, 1992.

GOMES, Horieste e TEIXEIRA NETO, Antônio. **Geografia Goiás/Tocantins**. Goiânia: Ed. da UFG, 1993.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

PALACIN, Luis. **O Século do Ouro em Goiás: 1722-1822 estrutura e conjuntura numa capitania de minas**. Goiânia: UCG, 1994.

SAINT-HILAIRE, August de. **Viagem à Província de Goiás**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horezonte: Itatiaia, 1975.

SENA, Custódia Selma. De Sertões e Sertanejos. In: **Goiás 1722- 2002**. Goiânia: AGEPEL, 2002.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. **Memórias**. Goiânia: Cultura Goiana, 1973.

TELES, Gilberto Mendonça. O Lu(g)ar dos Sertões. In: FERNADES, Rinaldo (Org.). **O Clarim e a Oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002.